



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JOÃO EDUARDO CARNEIRO DE OLIVEIRA

**LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE
ABAETETUBA: A BANDA MARCIAL DA ESCOLA
ESTADUAL PEDRO TEIXEIRA.**

JOÃO EDUARDO CARNEIRO DE OLIVEIRA

**LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE
ABAETETUBA: A BANDA MARCIAL DA ESCOLA
ESTADUAL PEDRO TEIXEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Sergio Bandeira do Nascimento.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema
de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

C289l Carneiro de Oliveira, João Eduardo.
LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE
ABAETETUBA: A BANDA MARCIAL DA ESCOLA
ESTADUAL PEDRO TEIXEIRA / João Eduardo Carneiro de
Oliveira. — 2022.
48 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Sérgio Bandeira do Nascimento
Coorientador(a): Prof. Sérgio Bandeira do Nascimento
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. lugar de memória na educação. 2. Banda marcial.
3. Abaetetuba. I. Título.

CDD 370.98115

JOÃO EDUARDO CARNEIRO DE OLIVEIRA

**LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE
ABAETETUBA: A BANDA MARCIAL DA ESCOLA
ESTADUAL PEDRO TEIXEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Sergio Bandeira do Nascimento.

Data da aprovação: 19/07/2022

Banca examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento

Orientador – UFPA

Prof. Dr. Jadson Fernando Gonçalves

Examinador – UFPA

Prof. Dr. Alan Christian de Sousa Santos

Examinador - IFPA

AGRADECIMENTOS

Pensar em agradecer me remete a muitas pessoas, incluído as pessoas que possivelmente nunca lerão tais agradecimentos, ainda assim, penso que é importante dizer obrigado.

Primeiro, sou grato ao Eterno Pai das Luzes, Reis dos Reis, Senhor dos senhores, primogênito de toda criação, a Ele, toda glória, toda honra, pelos séculos dos séculos.

Agradeço a minha mãe, dona Rosilene Oliveira, meu maior exemplo de força e honestidade, as minhas irmãs Neucilene e Raquelinhe Oliveira, que sempre estiveram aqui, em todos os momentos. Escrevo ainda em memória de meu pai, João Duarte de Oliveira Júnior, você sempre estará comigo. Ao meu sobrinho Ben Duarte, tomara que você seja tão inteligente quanto o seu tio.

Agradeço as pessoas que fizeram parte do meu dia-a-dia nesses quase seis anos de faculdade, dentre elas, Aíris, muito obrigado por sempre responder minhas mensagens. Paloma, obrigado por ser a pessoa incrível que você foi comigo, sem você, essa experiência não teria sido tão boa. Paula, obrigado por me fazer sorrir sempre. Obrigado Mario, você é um cara muito especial.

Obrigado Ana Caroline, sem você esse trabalho não seria possível, você é mais que uma amiga, você é família. Obrigado professor Sergio Bandeira, o senhor acreditou mais do que eu, e por muitas vezes foi o responsável por me incentivar a terminar esse projeto, obrigado por acreditar em mim.

Obrigado escola Pedro Teixeira, obrigado professores que ali conheci e que me fizeram amar a educação, amar a minha escola, amar a minha história.

Ah, memória, inimiga mortal do meu repouso!

Miguel de Cervantes.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	10
1 OS ATRAVESSAMENTOS ENTRE A CIDADE, A EDUCAÇÃO E A ESCOLA	12
1.1 APROXIMAÇÕES: O PESQUISADOR E SUAS IMBRICAÇÕES COM O TEMA	12
1.2 O AMBIENTE DA CIDADE DE ABAETETUBA	14
1.3 A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO NACIONAL E ESCOLA PEDRO TEIXEIRA	17
2 ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E LUGARES DE MEMÓRIA	22
2.1 UM DEBATE DO CAMPO DA HISTÓRIA	22
2.2 HISTÓRIA CULTURAL: UMA NOVA PERSPECTIVA.....	27
2.3 MEMÓRIA: UM OLHAR SOB OS SUJEITOS INVISIBILIZADOS	29
2.4 LUGARES DE MEMÓRIA NA EDUCAÇÃO	33
3 A BANDA DA ESCOLA PEDRO TEIXEIRA: UM LUGAR DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE ABAETETUBA	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50

RESUMO

A história como ciência contribui não somente na análise do passado, mas também a compreender o presente e revolucionar o futuro, desse modo, buscou-se estabelecer os atravessamentos entre história local, memória, lugares de memória e a educação no município de Abaetetuba. A presente pesquisa tem como objetivo compreender como a Banda Marcial da Escola Pedro Teixeira na sua trajetória histórica pode se constituir como um Lugar de Memória da Educação no município de Abaetetuba-PA. Assim, a pesquisa possui abordagem qualitativa e se apresenta como histórico educacional, com suporte bibliográfica e do método da história oral. Como referencial teórico temos a contribuição de diversos autores, mas destaco a contribuição de Le Goff (1924) e Nora (1984). Logo, a partir das análises teóricas, e das memórias dos ex integrantes da Banda de percussão que norteiam e abrilhantam essa pesquisa, conclui-se que apesar da Banda não ser uma fonte cristalizada, pode ser considerada como lugar de memória em educação em Abaetetuba.

Palavras-chaves: Lugar de Memória da educação. banda marcial. Educação.

ABSTRACT

History as a science contributes not only to the analysis of the past, but also to understanding the present and revolutionizing the future, in this way, we sought to establish the crossings between local history, memory, places of memory and education in the municipality of Abaetetuba. The present research aims to understand how the Banda Marcial da Escola Pedro Teixeira in its historical trajectory can be constituted as a Place of Memory of Education in the municipality of Abaetetuba-PA. Thus, the research has a qualitative approach and presents itself as an educational history, with bibliographic support and the method of oral history. As a theoretical reference we have the contribution of several authors, but I highlight the contribution of Le Goff (1924) and Nora (1984). Therefore, from the theoretical analyses, and from the memories of the former members of the Percussion Band that guide and brighten this research, it is concluded that although the Band is not a crystallized source, it can be considered as a place of memory in education in Abaetetuba.

Keywords: Place of Memory of Education. Marcial band. Education.

INTRODUÇÃO

Primordialmente o presente estudo busca estabelecer atravessamentos entre história local, memória, lugares de memória e a educação no município de Abaetetuba, na perspectiva de promover visibilidades a sujeitos historicamente excluídos e valorizar as suas memórias e estabelecer conexões na composição da história da educação em Abaetetuba.

Para isso, a presente pesquisa de ordem qualitativa e se apresenta como histórico educacional, com suporte bibliográfica e do método da história oral que é de suma importância para assim alicerçar os fatos relatados com a teoria em apressado nesta pesquisa.

Outrossim, para pensarmos memória e lugar de memória no contexto aqui exposto, utilizaremos primordialmente como referência teórica, autores clássicos como Pierre Nora, mais exatamente seu ensaio “entre história e memória: a problemática dos lugares”, como também o livro de “história e memória” de Jacques Le Goff.

O presente estudo tem por objetivo discutir os atravessamentos entre memória e lugar de memória no contexto da educação em Abaetetuba, tomando como objeto de estudo a banda marcial da Escola Pedro Teixeira, afim abrir possibilidades de postular a banda marcial como um lugar de memória da educação no município de Abaetetuba.

Buscando elucidar tais objetivos, o presente estudo se preocupa em seu primeiro capítulo em discutir os atravessamentos entre a cidade, educação e escola, dando ênfase na relação do pesquisador com o tema e as inquietações que moveram a pesquisa, além de discorrer sobre os processos históricos que englobam a educação brasileira, paraense e por fim abaetetubense.

No segundo capítulo é proposta a discussão em torno da memória e seus lugares de memória. Tal discussão se justifica afim de ancorar os caminhos da memória e da história, visualizar suas distinções e estabelecer suas concretudes, para revelar os sujeitos invisibilizados, silenciados pela história, que, no entanto, são sujeitos históricos e ricos em memórias.

Por fim, no terceiro capítulo estabelecemos a banda enquanto lugar de memória, ressaltamos sua importância para a escola, sua função enquanto parte integrante da escola, sua função enquanto meio de integração e sua expansão em direção a comunidade que a cerca, sua ruptura para além dos muros da escola e sua

integração junto à comunidade. Nesse capítulo também, com base nas entrevistas realizadas, verificamos a importância da banda de percussão para a cidade de Abaetetuba, concluímos que as memórias por ela produzidas não se restringem apenas ao contexto onde ela está inserida, ela se expande para a cidade, e assim se torna um lugar de memória dentro do município de Abaetetuba.

Entendemos também que ao promover a valorização dessas memórias e desses sujeitos, acabamos por abrir novos horizontes para a pesquisa histórica dentro do campo da educação. O estudo aqui proposto tem a intenção não somente de materializar a banda enquanto lugar de memória, como também entender a importância desse elemento para a educação na cidade de Abaetetuba.

1 OS ATRAVESSAMENTOS ENTRE A CIDADE, A EDUCAÇÃO E A ESCOLA

O primeiro capítulo buscar discutir os atravessamentos entre a cidade de Abaetetuba, a educação brasileira e a escola Pedro Teixeira. Para isso, análises históricas de cada um dos temas supracitados se fazem necessárias, para entender o contexto de cada aspecto que a presente pesquisa abraça.

Pensar cada aspecto de maneira particular em suas subjetividades históricas, revela que para entender o momento, a história presente, é necessário voltar ao passado para visualizar o cenário como um todo histórico, e assim visualizar os acontecimentos presentes de maneira concisa.

O presente capítulo se propõe justamente a isso, analisar o passado a partir do contexto histórico e assim vislumbrar o presente não como mera consequência do passado, mas pra ser capaz de explica-lo e entende-lo dentro dos contextos aqui analisados. Tendo também a intenção de mostrar as relações pessoais do tema e seu pesquisador, sua motivação em torno do tema, como também de onde emerge a necessidade pela busca por tais respostas.

1.1 APROXIMAÇÕES: O PESQUISADOR E SUAS IMBRICAÇÕES COM O TEMA

Dar a partida para um estudo acadêmico em que posso repensar as minhas memórias enquanto estudante, acaba por me remeter a um tempo feliz e despreocupado. Minha trajetória por vezes me conduziu a um afastamento da educação, mesmo com os frequentes incentivos fornecidos por meus pais e familiares. A escola para mim se tornou um espaço que veiculava mais do que conhecimento e pessoas, se tornou o lugar onde era possível me encontrar e construir, ver e sentir, e todas as vezes que essas memórias emergem, elas trazem consigo um nome, um lugar, um cheiro, um espaço que se tornou meu, uma extensão da minha casa, da minha família, e este lugar é a Escola Estadual Pedro Teixeira na cidade de Abaetetuba, parte da Amazônia paraense.

Ainda pensando no imaginário produzido por esse lugar, me recordo do período em que eu ainda cursava os primeiros anos do ensino fundamental, meu caminho diário para chegar na escola, me fazia passar pela frente da Escola Pedro Teixeira e apesar de não ter ideia de como era a escola em seu interior, algo em mim me fazia ter a certeza de que eu estudaria naquele lugar, e de fato, eu queria muito fazer parte daquele lugar, pois os meus colegas mais velhos diziam que aquela escola era muito diferente da que nós estudávamos. Esse cenário me permitiu imaginar uma série de

coisas referentes aquele lugar, lembro-me que nesse período ainda faltava dois anos para que pudesse lá estudar, o que de modo algum me desanima, muito pelo contrário, saber que assim que eu terminasse meu fundamental menor, aquela escola seria o meu próximo passo, me incentivava a continuar estudando.

Dos mais variados motivos que me levaram a querer fazer parte desse lugar, destaco a banda de percussão da escola, não por acaso foco da presente pesquisa. Meu contato com a banda da Escola Pedro Teixeira ocorre bem antes de saber da existência da escola. Durante o período das comemorações do dia sete de setembro, era comum ir à avenida Dom Pedro II assistir às bandas marciais escolares se apresentarem, lembro-me da voz do locutor anunciando a entrada das bandas, uma por uma, elas passavam com suas roupas bem alinhadas e instrumentos posicionados, tocando o mais alto e afinado possível, nesse período meu apreço pela música começava a surgir, então aquela cena me encantava, os sons, o movimento, tudo era assustadoramente bonito para mim.

Então o locutor em alto e bom som anuncia a banda marcial da Escola Pedro Teixeira, lembro-me bem de minha mãe dizendo que era a banda da escola que ela estudou, que era a melhor banda da cidade, que eu devia prestar mais atenção. Eu, com toda certeza não seria capaz de qualificar quem era a melhor banda, mas o sentimento de pertencimento me levou a ter orgulho de algo que eu mal conhecia, era a escola da minha mãe, que um dia seria a minha escola, era a escola do meu bairro, e por mais que eu não a conhecesse, me sentia parte dela. Nesse momento, pude perceber que eu era parte daquilo, ou no mínimo eu me fiz parte daquilo e criei naquele dia admiração e respeito por aquela banda, pela escola, e de alguma forma depois disso não conseguia imaginar que estudaria em outro lugar que não a escola Pedro Teixeira.

Porém, o meu ingresso na Escola Pedro Teixeira não foi tão tranquilo devido a uma mudança de endereço feita pela minha família, que ao trocar de bairro, me obrigava a pegar dois ônibus todos os dias para chegar na escola, no entanto mesmo com esse revés, meu caminho na escola não foi interrompido, com muito esforço meu e de meus pais, consegui continuar a estudar e assim terminar todo o ensino médio.

Como disse anteriormente, desenvolvi com o tempo gosto pela música, comecei a fazer aulas de violão, depois teclado e por fim bateria, e acredito que é nesse ponto que minha história como estudante e músico se encontra mais intimamente com a Banda da Escola Pedro Teixeira. Como estudante eu via a banda

de percussão da escola como um meio de ajuda para os professores, pois a banda costumava recrutar os alunos vistos como “problemáticos” e assim, ensinar através da música. Como músico eu queria muito fazer parte da banda, era para mim uma oportunidade de fazer algo pela escola, no entanto, por conta de minha orientação religiosa, eu era impedido pelos meus pais de fazer parte da banda. O que não me impedia de acompanhar a banda em suas apresentações e por conseguinte, de alguma forma fazer parte dela, mesmo que não fosse possível tocar um instrumento, eu fazia parte daquilo, e era muito importante para mim.

Tais vivências me aproximam do tema desta pesquisa para além do caráter acadêmico, a história que busco contar não é só minha, é de muitos, é de todos aqueles que talvez nunca tiveram a chance de serem ouvidos, seres que outrora invisibilizados lutam para manter suas memórias vivas, atuantes, mesmo que um dia esse espaço de memória não exista mais, minhas memórias, a memória de minha escola precisa permanecer.

Entre os muitos anos que permaneci na escola Pedro Teixeira, meu sentimento de pertencimento nunca diminuiu, pelo contrário, hoje me sinto ainda mais ligado à escola, mesmo que ela não viva mais seus melhores dias, por conta do descaso do poder público, ela é, e sempre será a minha escola.

É importante ressaltar que as aproximações com a temática decorrem dos estudos desenvolvidos na disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de História em que realizamos um ensaio de pesquisa histórica para debater a importância da história local e da memória a partir do conceito de “lugares de memória”. Tal componente foi responsável por desvelar o pensamento em torno do tema e assim, construir os caminhos teóricos que são basilares para tal pesquisa.

1.2 O AMBIENTE DA CIDADE DE ABAETETUBA

A cidade de Abaetetuba, localizada à margem direita da foz do Rio Tocantins, foi inicialmente descoberta em meados de 1724 por Francisco de Azevedo Monteiro, quando na busca de se abrigar de uma tempestade aportou na cidade. No entanto, muitos consideram que a cidade foi descoberta consideravelmente antes. Acredita-se que em 1635 padres jesuítas chegaram no que hoje é a Vila de Beja, e assim começaram o primeiro povoado que daria origem a cidade como a conhecemos. Segundo Sousa esclarece:

A fundação de Abaetetuba inclui-se no amplo processo de colonização da região amazônica, empreendida pelos portugueses, que viram “suas terras” invadidas ou ameaçadas de invasão por franceses, ingleses, holandeses e espanhóis durante os séculos XVI e XVII (SOUSA, 2009, p. 24).

O nome Abaeté foi escolhido por Francisco de Azevedo Monteiro, em homenagem a um dos muitos rios que banham a cidade, nesse caso o rio Abaeté. O nome vem do tupi “homem forte, valente e prudente. Homem ilustre” (MACHADO, 2008, p. 13). Esse nome permaneceu até 30 de dezembro de 1943, quando um decreto do governo federal passou a impedir que cidades brasileiras tivessem o mesmo nome, e existia uma cidade mineira com o mesmo nome mais antiga, dessa forma foi adicionado o sufixo “tuba” formando então a palavra Abaetetuba, que permanece até hoje.

Em seus anos iniciais, a cidade teve como base de desenvolvimento cultural e econômico o comércio local, que envolvia o pescado, a madeira, o açaí e principalmente a cachaça, que concedeu a cidade de Abaetetuba o apelido de terra da cachaça, justamente por sua grande quantidade de engenhos¹ de cachaça espalhados pelas margens dos rios de Abaetetuba.

A cultura do engenho se mostrou muito importante nesse período não somente pelo caráter econômico, como também cultural, pois a cultura da cachaça deu molde a parte da cultura abaetetubense, se tornando assim patrimônio imaterial do município. Segundo Sousa (2009):

O município chegou a ter “o maior número de indústrias do Estado do Pará”, em 1969, trinta e sete (37) das 282 existentes onde os coronéis dos engenhos fizeram fortuna, chegando a importar lanchas da Inglaterra, tal era o poderio econômico deles (SOUSA, 2009, p. 31).

Esse período foi marcado por muita prosperidade, a cidade passou a se desenvolver em torno da cultura da cachaça. Infelizmente, essa prosperidade não atingiu a todos, sendo vivida por uma pequena parte da população, acentuando assim a desigualdade que já era grande nesse período, ainda segundo Sousa (2009, p. 31) “esse poder estava baseado na mesma forma de organização da produção da borracha, o sistema de aviamento, que super explorava a força de trabalho, gerando muita riqueza concentrada nas mãos de algumas famílias de empresários”

Além disso, outras vertentes da cultura abaetetubense podem ser reveladas aqui. Tão forte e relevante quando a cultura da cachaça, ou até mais conhecida, o

¹ Lugar construído para transformar a cana de açúcar em aguardente, cachaça.

município de Abaetetuba é mundialmente conhecido como a capital do brinquedo de miriti². A cultura do brinquedo de miriti é muito constante na realidade do povo abaetetubense, tanto que anualmente promove a semana da arte, um período do ano onde a cidade festeja sua cultura em torno do brinquedo de miriti.

A cultura do brinquedo de miriti é por diversas vezes associativa a outras culturas, ela consegue interligar as faces culturais não somente do município em que está enraizada, ela acaba por juntar várias tradições do povo abaetetubense e, porque não dizer paraense. Esse poder associativo que o brinquedo de miriti tem, ultrapassa o campo cultural, adentrando o campo histórico, religioso e educacional, como postula Lobato, et al:

A tradição do brinquedo de miriti é cara à cidade e consta no portal de entrada que leva a frase “Bem-vindos à Abaetetuba, a capital mundial do brinquedo de miriti”. Há uma política cultural municipal e estadual de incentivo, valorização e divulgação da tradição, pois o brinquedo de miriti está indissociavelmente ligado ao Círio de Nazaré, celebração religiosa de repercussão nacional. (LOBATO, et al, 2015, p. 354)

Desse modo, a cultura do povo abaetetubense se revela em várias faces que perpassam umas às outras, atreladas e cultivadas das mais diversas formas. É importante ressaltar que uma das principais faces de atrelamento que o brinquedo de miriti consegue fazer é com a música, que dentro do município de Abaetetuba é muito presente na vida do seu povo, nos mais diversos desdobramentos, podemos citar o carimbo, a brega, e por fim, as bandas de fanfarra.

Quando pensamos na tradição das bandas de fanfarra é nítida a falta de registro históricas que revelem sua origem no estado do Pará e por conseguinte no município de Abaetetuba. Logo, podemos constatar que os primeiros registros que temos de banda de percussão, é através das bandas militares, que começam a se organizarem no período na monarquia brasileira, sobre isso Salles (1985) postula:

O grande impulso dado à formação das bandas militares no Brasil começou, como vimos, com a transmigração da corte portuguesa para o Rio de Janeiro. Mas a banda da Brigada Real trazida por D. João VI, em 1808, ainda era arcaica. Em Portugal, a banda de música começou a se modernizar somente em 1814, quando seus soldados regressaram da guerra peninsular, trazendo brilhantes bandas de música, onde predominavam executantes contratados, principalmente espanhóis e alemães [...]. A música militar claramente aparecida em bases orgânicas, na metrópole, em 1814, forneceria o modelo para a formação das bandas civis. (SALLES, 1985, p. 20).

² Fibra da palmeira de miriti, ou buriti, usada na fabricação do brinquedo de miriti, muito comum no norte do Brasil.

O contexto da militarização moldou as bandas de percussão nesse período, formando assim contratos legais de como as bandas deveriam ser constituídas. Tais tradições perduram até hoje, tanto na forma de se vestir, de marchar, na maneira em que a banda se agrupa, heranças trazidas desse período de formação.

No estado do Pará os primeiros registros de bandas musicais segundo Binder (2006) é por volta de 1812, que por ocasião da expansão do império, trouxe para o estado do Pará regimentos que na época eram responsáveis pelas bandas militares. A falta de registro como disse anteriormente, dificulta estabelecer como os eventos de deram nesse período, o que sabemos ao certo é que tal tradição segundo Salles (1985) começa no Pará em 1853, e ganha força posteriormente com a chegada de forças como a marinha e aeronáutica.

No município de Abaetetuba, menos ainda se sabe sobre a origem das bandas de percussão. Estimasse que as principais bandas de percussão de origem escolar passem a existir a partir dos anos de 1950, onde as principais escolas do município passam a formar bandas de percussão, mais adiante com a adição de instrumentos de sopro, seriam chamadas também de bandas de fanfarra.

1.3 A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO NACIONAL E ESCOLA PEDRO TEIXEIRA

A história da educação no Brasil se inicia, por assim dizer ainda no período de colonização de nosso país. O primeiro modelo de educação que conhecemos data de 1549 com a chegada dos jesuítas a Bahia, para “educar” os índios que viviam nessa região. A educação de base religiosa, foi a realidade do Brasil em todo o período colonial. Como sabemos, tal conhecimento era repassado de forma autoritária e mesmo contendo uma cartinha de orientação era desprovido de práticas mais humanizadas de ensino.

Ocorria nesse período a separação das turmas em classes, os índios estudavam em estruturas construídas por eles mesmos, em um programa denominado “missões” que tinha por objetivo converter os índios ao catolicismo. Já os filhos dos colonos, estudavam em colégios e recebiam instrução também de caráter religioso, no entanto, também era voltado para a formação do indivíduo como trabalhador.

O sistema jesuíta perdura no Brasil até meados de 1772, quando ocorre sua expulsão do território nacional, pelo Marquês de Pombal que ensaia a instituição da educação pública no Brasil nesse período. Que posteriormente vai adquirindo forma. As aulas eram ministradas na casa dos professores, não existia um currículo que pudesse ser seguido, mas a escola caminhava em direção a algum progresso.

Se sairmos do período do Brasil Colônia e entrarmos no Brasil República, percebemos mudanças ainda maiores na estrutura educacional do país, o primeiro grande marco acontece em 1890 com a formulação do ensino superior, logo depois em 1920 influenciados pela corrente de pensamento do filósofo John Dewey, que pensava a educação para vida como primordial. Assim sendo, nomes como Anísio Teixeira surgem como principal defensor desse movimento, que muda os rumos da educação brasileira nesse período.

Em 1930 no governo de Getúlio Vargas, é criado no Brasil o ministério da educação, que a partir desse período seria o principal gestor da educação no país. Em 1961 é promulgada a primeira LDB, Lei de Diretrizes e Bases, que estabelece as disciplinas comuns a todos. Em 1971 é instituído o 1 e 2 graus, estabelecendo assim uma divisão obrigatória dos anos em cada período de formação.

Essa estrutura permanece igual até 1996, com a instituição da nova LDB, que acaba por instituir a criação do ensino fundamental e do ensino médio. A nova LDB torna também a integração entre os períodos escolares mais fluidas, como também institui uma maior atenção para a educação infantil, tentando, por assim dizer, abraçar todos os níveis da educação no país.

Na busca de afunilar mais nosso pensamento quanto a história da educação no Brasil, voltamos nossos olhares para o contexto em que se desenvolve a educação na Amazônia. É possível perceber que as concepções amazônicas de educação não caminham para longe das ideias já veiculadas no que se refere a educação brasileira no período colonial, e quando digo que não caminha para longe, quero dizer que não dá um passo sequer para longe disto, o que passaremos a postular aqui é de fato um retrato já visto, no entanto, em uma moldura velha e gasta.

Os primórdios da educação na Amazônia datam ainda do Brasil colônia, e marca esse período a expansão mercantil do país, principalmente as regiões mais afastadas. Nesse sentido, a educação se mostrou necessária ao explorador, pois seria ferramenta de expansão de seus negócios nessas terras nunca desbravadas. Faz-se ainda necessário dizer como essa divisão sobre destruição de educação acontecia.

Os índios ainda recebiam a educação religiosa pelo pressuposto de libertar suas almas do inferno, mas não somente isso, como postula Damasceno (1998):

Quanto à instrução dos índios, o Diretório destacava o ensino profissionalizante já realizado com êxito pelos Jesuítas em regiões sob controle espanhol. Assim, pede ao governador que recomende aos missionários no Grão-Pará que os índios que forem da sua administração, os ocupem, fazendo-lhes aprender os ofícios a que tiverem mais propensão [...] (DAMASCENO, 1998, p. 85).

Nesse caso, a propensão pode ser interpretada aqui como “onde for mais útil para nós”. Mão de obra barata e sem perspectiva alguma, era o que esperava produzir com a educação desse período. Logicamente, essa não era a educação de todos. Os índios eram a classe mais baixa, seguida de perto pelos filhos dos trabalhadores, e por fim os filhos dos que passaram a morar aqui por conta do processo de expansão da colônia.

O controle da educação na Amazônia assim como no restante do Brasil, permanece na mão dos jesuítas por cerca de 200 anos, eles são os responsáveis por fundar a primeira escola na Amazônia, em Belém do Pará no ano de 1653, o colégio Santo Alexandre, que possuía os níveis primário, secundário e superior. Em seu período de controle, os jesuítas construíram também o Convento dos Franciscanos de Santo Antônio e o Convento dos Carmelitas, ambos construídos no ano de 1626, que lecionavam teologia, filosofia e música.

Deixando o período colonial para trás, com a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, a educação no país acaba nas mãos do Marquês de Pombal, que nesse período de transição acaba esbarrando em uma dificuldade para a implantação de um novo regime de educação, sendo este a falta de professores para lecionar as aulas, e mesmo com o aumento do salário oferecido, não houve interesse, o que obrigou a nomeação dos professores tidos leigos, para ocupar essas vagas.

Do final do período colonial, durante o período do Brasil império até o Brasil república, a região amazônica no geral seguiu as diretrizes nacionais de educação, e talvez por isso, tenha se afastado tanto ao nível de conhecimento das demais regiões do país. Quando pensamos a educação na região amazônica, falamos de questões únicas pertencentes a esse espaço, questões essas que parecem não terem sido levadas em consideração como deveriam na construção tanto do currículo quanto na formação. É válido destacar que alguns programas foram criados a fim de atender a região amazônica, podemos citar aqui programas como o SOME (sistema de organização modular de ensino), que leva educação para as regiões mais distantes.

Ao pensarmos na educação abaetetubense no contexto da educação na Amazônia e brasileira percebemos que ao lançarmos nossos olhares para a história, a educação no município de Abaetetuba, se desenvolve também atrelada ao catolicismo e suas escolas que foram sendo estabelecidas com o decorrer do tempo.

Assim sendo, o município de Abaetetuba passa pelas fases nacionais acima citadas, até a década de 1950, quando as escolas mais tradicionais do município passam a se estabelecer, escolas de base católica e de modo geral elitistas, a exemplo a escola Nossa Senhora dos Anjos e São Francisco Xavier. A educação passa a mudar em meados da década de 1980, quando grandes empresas se alojam nos municípios vizinhos, nesse sentido Souza (2009), p. 53, nos esclarece que:

Com a implantação do Projeto ALBRÁS/ALUNORTE, altera-se a dinâmica populacional e a distribuição espacial da população de forma profunda e acelerada. A grande expectativa de emprego que criou, aliado ao agravamento da situação econômica que se processava, provocou uma migração intensa de trabalhadores rurais em busca de empregos e de melhores condições de vida.

Com a instalação destas indústrias ocorreu um aumento significativo da busca pelo ensino técnico, não somente no município de Abaetetuba, como também nas regiões circunvizinhas, que nesse período significou um olhar mais atento em relação à educação do município.

Lembramos ainda que a instalação de grandes empresas na região amazônica só passa a se viabilizar a partir de 1970, quando afim de expandir o SIN (sistema interligado nacional), que inaugura em 1984 em Tucuruí, cidade no sudeste paraense, a uma das maiores usinas hidroelétrica do mundo. Todo o projeto fazia parte de uma iniciativa para desenvolver a região amazônica e assim atrair as grandes indústrias.

Ainda pensando a educação em Abaetetuba, a partir da instalação das grandes escolas estaduais, a consolidação da educação no município em meados da década de 1980 passa estabelecer um trabalho mais completo da educação no município em todos os níveis, criando então uma rede de educação que conseguia atender minimamente a população.

Assim sendo, passamos a postular a partir desse ponto de modo mais específico, o nosso local de pesquisa, ampliando nosso pensamento sob este lugar, suas implicações enquanto lugar de memória e sua importância nas dobraduras na história da banda de percussão da escola Pedro Teixeira.

A Escola Pedro Teixeira começa a funcionar em 1973, sua construção, no entanto data de 1971, meados de 1972. A escola que recebe o nome do ilustre

explorador português e primeiro europeu a cruzar toda a extensão do rio Amazonas. A escola nasce em um período de expansão municipal, o governo estadual que nesse período estava sob o controle dos governos militares e aqui no Pará, no comando de Alacid Nunes em 1971, que verifica nessa parte do estado a possibilidade de alargar ainda mais a crescente busca pela migração para a cidade e assim uma escola que oferecesse condições de estudo para essa população se fazia necessária.

Nesse sentido, a escola com o terreno doado pelo município de Abaetetuba nasce em um dos até hoje bairros mais populosos da cidade. Responsável por formar milhares de estudantes, dentre eles pessoas ilustres em nosso município, como vereadores, médicos, advogados e professores. A escola construiu fama por oferecer educação de qualidade de maneira gratuita, como também pela sua banda de percussão, que é alvo do presente estudo.

Ao finalizar esse capítulo, verificamos as circunstancias que viabilizaram a presente pesquisa, como também os contextos históricos que a educação brasileira, a cidade e Abaetetuba e a escola estadual Pedro Teixeira. Como tais objetos se dispõem na história e como os mesmo se entrelaçam.

Entendemos que nesse sentido que a educação no brasil não passa por um processo de planejamento, ela é instituída aos retalhos e assim se percebe no estado do Pará, e por conseguinte com a educação em Abaetetuba, a escola Pedro Teixeira surge da necessidade de expandir economicamente essa região, afim de qualificar mão de obra para receber as indústrias que se instalavam nesse período, não necessariamente em Abaetetuba, mas nas regiões circunvizinhas.

2 ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E LUGARES DE MEMÓRIA.

O presente capítulo busca realizar uma discussão no campo da história, buscando entender o funcionamento da história no campo da educação, como a história se articula nesse sentido, e para além disso, promovendo o pensamento sobre memória e lugar de memória.

Para tanto, iremos explorar o conceito de história cultural e seus desdobramentos no campo educacional, como é possível extrair de nosso objeto de pesquisa resoluções baseadas nesse conceito e assim buscar responder como o mesmo se enquadra enquanto lugar de memória.

Por fim, buscamos trazer de fato a discussão de lugares de memória dentro do contexto da educação, para assim, através dos conceitos aqui apresentados, formular o pensamento que ancora os lugares de memória na educação não somente como possíveis, mas como amplamente presentes. Trazendo como foco a banda de percussão da escola Pedro Teixeira.

2.1 UM DEBATE DO CAMPO DA HISTÓRIA

Ao adentrarmos o campo da história, trilhamos por caminhos largos e também estreitos. Tais caminhos acabam por nos conduzir a várias verdades, múltiplas histórias e, por conseguinte vários atores sociais, sujeitos que produzem e são suas próprias histórias. A grande questão será sempre qual história é de fato verdadeira? Quem são esses sujeitos históricos? Quais histórias merecem serem contadas? Sob quais perspectivas?

Desde Heródoto, no século V. a.C., considerado o primeiro historiador, para muitos o "pai da história", verificamos que a história enquanto ciência, passa por um processo diferente das outras ciência, segundo Le Goff (1924, p. 09) "a ciência histórica se define em relação a uma realidade que não é nem construída, nem observada como na matemática, nas ciências da natureza e nas ciências da vida, mas sobre a qual se "indaga", se "testemunha".

Nesse sentido, por muito tempo a história enquanto ciência não foi aceita por grande parte da comunidade acadêmica, justamente por não ser definida como as demais ciências. Na busca por se enquadrar enquanto ciência, a história desde a antiguidade buscou transpor os limites da história oral, formando assim um sistema de arquivamento de documentos escritos, criando bibliotecas, museus, esculturas e

etc., buscando assim trazer segurança para a história contada, revelando algo palpável, que fosse visualizável. Segundo Le Goff (1924) essa busca forneceu os materiais da história, materiais esses que tem como principal representante o documento. É nesse momento que a história entende o documento como sua principal forma de verificação, tanto como ferramenta de trabalho, quanto como a possibilidade de ser aceita como ciência, pois ainda segundo Le Goff e Foucault o documento é monumento.

Saindo desse período introdutório da história enquanto ciência, e caminhando para a história moderna ou nova história, o pensamento de Silva e Silva (2009, p. 76) nos mostra que as “renovações conceituais e metodológicas da História propiciaram abertura para os estudos do cotidiano, que começaram a ganhar espaço com a corrente historiográfica chamada Nova História.”

Essas renovações conceituais e de metodologia ocorrem na visão do que é história, assim nessa tentativa de se descolar somente do documento, o posicionamento do historiador Marc Bloch é extremamente relevante, pois Bloch entende a história como “a ciência do homem no tempo”. Na concepção dele:

Acreditava que a História não era uma ciência qualquer, pois tratava de narração e descrição, enquanto a maioria das ciências tratava de classificação e análise. Mas isso não o impediu de defender a validade científica da História e de defini-la como a ciência do Homem no tempo. (SILVA e SILVA, 2009, p. 184).

Portanto, o complexo de ciência menor é deixado para trás, a história assume um papel de muita importância no conjunto científico, assume sua importância e relevância, fugindo da história clássica e abraçando a relevância do homem enquanto sujeito histórico, enquanto dono da própria história. Uma pequena chave é girada, e ao se girar essa chave, o papel do historiador muda, as fontes históricas mudam, abrindo então um novo leque de possibilidades.

Sob a perspectiva da nova história a noção de fonte histórica é ampliada, visto que agora é pensada não somente pela noção de documento escrito, oficial, mas sim como:

Fonte histórica, documento, registro, vestígio são todos termos correlatos para definir tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico. (SILVA e SILVA, 2009, p. 158).

Noção esta, sendo cunhada ao decorrer do percurso histórico, entendendo o documento como condutor da verdade. Passando estes a serem alvos de críticas externas e internas, análises e questionamentos a fim de certificar a sua autenticidade.

Sendo, a partir da década de 1930, contestadas as razões da imparcialidade da História uma vez que se entende que o historiador esteja ligado à sua classe social, não sendo, assim, imparcial.

Mediante tais avanços, a forma de se conhecer o documento foi se abrangendo e agregando outras concepções, tais como: a imagem, literatura e a cultura material, dentre outras. Atentando-se cada vez mais para os registros e vestígios. Mesmo assim, o documento não perdeu completamente seu valor histórico, mas, foi necessário ele ser reinterpretado por meio de técnicas interdisciplinares ligadas à Linguística e da Psicologia. Cita-se, nesse contexto, a metodologia histórica em ascensão: a história oral: “A História Oral, por outro lado, é uma disciplina que ultrapassa o registro de depoimentos e se volta para a reflexão teórica e metodológica em torno da construção do conhecimento.” (SILVA e SILVA, 2009, p. 187).

Essa reflexão possibilita a ampliação e o entendimento mais eficaz do contexto a ser estudado, pois, mostra ao pesquisador aspectos não relatados, tais como as omissões dos documentos escritos, evidências ainda não observadas, dados ainda não registrados, preservados na memória viva dos entrevistados. Com isso, uma forma de guardar e reinterpretar a história que foi ganhando espaço para os historiadores, segundo Le Goff (1994), a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

Tais mudanças de pensamento ocorrem em um momento específico, onde recorrermos à história da própria história, percebemos seu momento de maior mudança, ocorre na França no século XX, onde o movimento chamado de Escola dos Annales surge promovendo uma quebra com o modo positivista de pensar a história, e nesse sentido estabelece uma nova forma de conceber os eventos históricos. Tendo como principais expoentes os historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch, que nesse período fundaram a Annales d'histoire économique et sociale.

Para se firmar como corrente historiográfica dominante na França, e estender posteriormente sua influência a outros países da Europa e também da América, os fundadores e consolidadores dos Annales precisaram estabelecer uma arguta e impiedosa crítica da historiografia de seu tempo – particularmente daquela historiografia que epitetaram de História Historizante ou de História Eventual – buscando combater mais especialmente a Escola Metódica Francesa e certos setores mais conservadores do Historicismo. Os Annales, em busca de sua conquista territorial da História, precisavam enfrentar as tendências historiográficas então dominantes, mas também se afirmar contra uma força nova que começava a trazer métodos e aportes

teóricos inovadores para o campo do conhecimento humano: as nascentes Ciências Sociais. “É contra o pano de fundo deste duplo desafio que o movimento inicia a sua aventura historiográfica” (BARROS, 2010, p. 5).

Entre muitas mudanças que a Escola dos Annales promoveu no método de se pensar a história, se destacam a utilização de história-problema e a ampliação das fontes. Ao alargar o pensamento me torno da história enquanto ciência, a Escola dos Annales acaba por inaugurar um novo período no jeito em que concebemos o ato de contar a nossa própria história.

A partir desse pensamento, Peter Burke descreve que o movimento dos Annales se deu em três períodos distintos.

Esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do establishment histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores (BURKE, 1992, p. 13-14).

Ao modificar a estrutura da história enquanto ciência, a escola dos Annales acaba por deslocar o eixo da concepção histórica, saindo da história baseada apenas na análise de documentos, e caminhando em direção de uma história mais comum a todas, uma história que era capaz de responder a questões sociais, das mais simples as mais complexas.

Nesse sentido, parafraseando com Jacques Le Goff, existem pelo menos duas histórias, a primeira é comum a todos, coletiva, e a segunda é aquela contada pelos historiadores, Le Goff postula:

A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os, mas media, corrija esta história tradicional falseada. (LE GOFF, 1924, p. 23)

Uma história comum a todos, que traz consigo elementos do imaginário, onde os sujeitos se identificam e estabelecem suas conexões históricas de modo que mesmo sem a história tradicional, é possível verificar o que Le Goff postula, um afastamento da fonte histórica tradicional, que dá espaço a novas histórias, a uma nova história que por vezes assume um papel mítico, deformado e que por isso não é considerada história para muitos, gerando assim sujeitos e histórias invisibilizados. Ressaltamos que é sob tal perspectiva que pensamos o nosso objeto de estudo para

esta pesquisa, justamente por entender que ele se constitui como uma “ampliação” temática proposta pelos annales.

Por fim, faz-se necessário aqui promover uma discussão em torno de uma pergunta que acompanha a história enquanto ciência desde o seu nascimento. Qual seria de fato o papel da história? O questionamento me parece válido, haja visto o teor da pesquisa aqui proposta.

Ao percorremos esse caminho em busca de uma definição, nos depararemos com uma definição muito oportuna do historiador Marc Bloch (1941), que propõe que a história era "a ciência dos homens no tempo", tal afirmação desprezava totalmente a visão de uma história estática, morta, pelo contrário, Bloch entendia a história como viva, capaz de caminhar para o passado sem esquecer do presente, e para isso se fazia necessário entender o homem como sujeito histórico em sociedade, nunca isolado. Le Goff parafraseando Marc Bloch postula:

Confirmando resolutamente o caráter científico e abstrato do trabalho histórico, Marc Bloch não aceitava que esse trabalho fosse estritamente tributário da cronologia: seria um erro grave pensar que a ordem adotada pelos historiadores nas suas investigações devesse necessariamente modelar-se pela dos acontecimentos. Para restituírem à história o seu movimento verdadeiro, seria muitas vezes vantajoso lerem-na, como dizia Maitland, "ao contrário". (LE GOFF, 2003, p. 45)

Alguns aspectos precisam ser destacados aqui. Primeiro, a história enquanto ciência, sempre observou o tempo, o tempo de ordem cronológica. Nesse sentido cabia a história apenas analisar o que passou, juntar os restos deixados pelo tempo para assim manter vivo o passado, para que no futuro, o passado pudesse estar presente, como parte de um tempo que já foi, um tempo onde a memória se constitui baseada nos monumentos históricos materializados. Segundo, e se por um momento a ordem fosse invertida, e a premissa de Marc Bloch fosse aceita, seria a história capaz de ir além do ato de vigiar o tempo e juntar os seus pedaços? Seria a história capaz de explicar o futuro olhando para o passado? Seria essa a função mais nobre da história enquanto ciência? Explicar o futuro, olhar para o presente e ser capaz de descortina-lo.

De fato, é inevitável um estranhamento quando pensamos em uma história que não tem no passado seu único meio de estudo. Das muitas questões aqui levantadas, a priori entendemos que definir qual o papel da história se mostrar uma tarefa árdua, no entanto, a melhor resposta para esse estudo é a de Marc Bloch. Nela percebemos que a história não pode se resumir a uma mera guardiã do tempo, ou porque não dizer

prisioneira do tempo, ela, a história como ciência não pode se desprender do passado, mas não pode abrir mão do presente e do futuro.

2.2 HISTÓRIA CULTURAL: UMA NOVA PERSPECTIVA

Ao analisarmos os métodos utilizados pela história ao decorrer do tempo, perceberemos sua clara tendência a aceitar somente os documentos históricos para realizar suas análises e conclusões. Para tanto, como vimos anteriormente, modificações no método de pensar a história enquanto ciência, produziram novos caminhos onde a análise histórica não se conformava em se deixar prender apenas ao método tradicional, pelo contrário, ao adentrar esses novos caminhos, a história passou a se permitir contar os fatos sobre outras perspectivas.

Nesse sentido, a presente pesquisa de propõe a caminhar de maneira conjunta com essa nova visão histórica, afim de elucidar questões que antes se quer consideradas. Para isso buscaremos recorrer a esses novos conceitos históricos.

Ao pensarmos em novas perspectivas, é fácil de encontrar com o conceito de história cultural, que segundo Chartier é:

Na verdade, o que se deve pensar é como todas as relações, inclusive aquelas que designamos como relações econômicas ou sociais, organizam-se segundo lógicas que colocam em jogo, em ação, os esquemas de percepção e de apreciação dos diferentes sujeitos sociais, portanto, as representações constitutivas do que se pode chamar de uma 'cultura', quer seja comum a toda uma sociedade, quer seja própria a um grupo determinado (CHARTIER, 2002, p.59).

Quando analisarmos o pensamento de Chartier, percebemos que ele propõe uma quebra com a análise mais tradicional dos fatos históricos, propondo uma maior percepção dos sujeitos sociais e diferentes representações, promovendo assim não somente um rompimento, mas uma nova possibilidade através da cultura histórica. Ainda nesse sentido, Chartier propõe ainda categorias para a análise histórica cultural, no entanto, para esse momento, vamos nos ater somente ao seu principal pensamento, no que se refere a história cultural.

Diante do exposto, se faz necessário promover uma análise mais criteriosa do tema história cultural e do desafio que se propõe quando buscamos analisar a história por essas lentes, desafio esse que se torna ainda maior quando pensamos em analisar a história da educação, haja visto as complexidades das relações que surgem no chão da escola. Corrobora com esse pensamento a afirmação de Fonseca (2003, p.61). “A penetração dos pressupostos da História Cultural neste campo é ainda

problemática, superpondo-se às abordagens tradicionais e sendo, muitas vezes, marcada por uma incorporação superficial dos seus instrumentos conceituais e metodológicos, quando não apenas com indicações bibliográficas”.

Transpor essa superficialidade é o principal desafio aqui, produzir através de métodos não tradicionais, porém com a mesma confiabilidade dos métodos tradicionais, sendo capaz de estabelecer uma conexão clara com os fatos.

Transposta a análise inicial de história cultural e os métodos por ela utilizados, verificamos que uma análise histórica utilizando essa ótica é plenamente possível, e desse modo utilizaremos essa ótica para analisar a história da banda de percussão da escola Pedro Teixeira.

Lançando olhares sobre o objeto de pesquisa, percebemos que a história da banda de percussão de confunde com a história da escola Pedro Teixeira, em alguns momentos é possível perceber que uma história depende diretamente da outra, histórias decididas pelos sujeitos na teia do tempo. A questão é perceber ou até se questionar, onde essas histórias estão, quem são os sujeitos diretamente ou indiretamente ligados a ela, e como tais histórias podem permanecer, aja visto que são histórias ainda não cristalizadas.

Talvez o questionamento que devemos realizar aqui seja, a história clássica capaz seria capaz de analisar com bons olhos a banda de percussão da escola Pedro Teixeira? Seriam seus sujeitos de fato vistos? A resposta que parece mais apropriada não é a nosso ver um “sim ou não”, mas “como ela varia isso?”, pois já foi possível perceber que enquanto ciência clássica, a história acaba por invisibilizar alguns sujeitos, e nesse sentido, não me parece uma falta de capacidade, mas uma falta de método.

Transpor essa abordagem clássica apesar de difícil, consegue ser realizada com certa maestria pela história cultural, não somente porque ela caminha por lugares diferentes, mas porque ela palmilha esses caminhos de forma diferente, enquanto a história visa os documentos históricos e as histórias que tem um maior interesse, a história cultural usa outras ferramentas, e se propõe a dar voz a sujeitos antes silenciados e história que não tem tanto apelo.

A história cultural buscar entender o sentido, o olhar, e como esses aspectos são inerentes a cada sujeito. Se olharmos para o objeto da presente pesquisa, iremos perceber que a história da banda de percussão vive de olhares e sentido das pessoas

que por elas passaram, que fizeram de suas vidas parte da história da banda. Nesse sentido Chartier (1990) nos esclarece:

A história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido (...) dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação (CHARTIER, 1990, p.27-28).

É importante salientar que tais processos ocorrem a margem da história comum, são processos internos, inerentes a vida de cada sujeito, onde esse sujeito vai construindo seus próprios significados, logicamente permeado pela cultura da banda de percussão, nesse caso, a luz do estudo proposto. É extremamente interessante visualizar que a cultura da banda de percussão, juntamente com a cultura escolar formou uma cultura própria, vivida e respirada pelos componentes de ambos os lugares de memória.

Chartier, um grande expoente da história cultural propunha sempre uma história que fosse plenamente capaz de diminuir as distâncias entre sujeitos e suas histórias. Pensava que na impossibilidade dos documentos históricos, a história fosse capaz de recuar alguns metros e pegar a primeira saída a direita, buscando o caminho da cultura, como defendemos aqui, se não fosse possível o caminho da cultura, outros caminhos podiam e mereciam serem explorados, o sentido deveria ser perseguido, buscado, almejado de forma coesa e segura.

2.3 MEMÓRIA: UM OLHAR SOB OS SUJEITOS INVISIBILIZADOS

Quando pensamos em sujeitos, adentramos por caminhos que nos sugerem algumas várias vertentes. Analisar esses sujeitos e suas contribuições históricas, se faz em processo que demanda uma busca em alguns termos que já foram mencionados aqui. Tais termos não somente podem nos ajudar a entender o aspecto histórico, como também o aspecto cultural e educacional.

Durante a guisa introdutória deste capítulo, trabalhamos a ideia promovida através da escola dos Annales, movimento historiográfico francês que se inicia em 1929 trazendo uma forte crítica a história clássica, e abrindo assim o pensamento sobre questões como a história problema e uma ampliação das fontes históricas. No entanto, tal movimento não foi unanimidade entre os historiadores, pelo contrário,

houve muita resistência a ideia que a escola dos Annales buscava desenvolver. Burke nos fala um pouco sobre a relevância global do movimento:

Se observarmos os Annales de uma perspectiva global, contudo, é melhor avaliá-lo como um paradigma (ou, talvez, um grupo de paradigmas), mais do que o paradigma da ciência histórica. Talvez seja útil examinar os usos e as limitações desse paradigma em diversas áreas da história, geográfica, cronológica e tematicamente definidas. A contribuição dos Annales pode ter sido profunda, mas foi também profundamente desigual (BURKE, 1992, p. 120).

Nas palavras de Burke, percebemos que mesmo a escola dos Annales não sendo unanimidade, e conseqüentemente sendo criticada, é clara que sua atuação e contribuição para a história enquanto ciência foi profunda, para o bem ou para o mal. Faço questão de retornar à história da escola dos Annales e de sua importância, para poder então falar de um de seus principais representantes. Pierre Nora, historiador francês, que atuou na terceira geração da escola dos Annales, especialista em identidade francesa e memória. Nora tem em seus debates conceitos e pensamentos que se fazem necessário para entendermos melhor a questão dos sujeitos e esses invisibilizados, principalmente enquanto sujeitos históricos.

Dentre muitos conceitos que Nora trabalha, gostaria de destacar e discutir alguns. O primeiro deles é o que Nora chama de “aceleração da história”. Sobre isso Nora (1984) nos esclarece que aceleração da história, para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida uma ruptura de equilíbrio. Essa percepção de que algo está sendo perdido, obriga o sujeito a formar para si o que Nora chama de lugares de memória, pois, para esse sujeito sua memória só pode se consolidar se houver um lugar físico onde essa memória resida. O que Nora entende por aceleração nada mais é do que uma busca por materializar memórias. Esse sentimento de perda que Nora nos sugere está intimamente ligado a ideia de que a memória pode se perder, pode acabar se não for materializada nos lugares, nos monumentos. No entanto, Nora (1984) nos diz que falamos tanto de memória por que ela não existe mais. Isso significa dizer que com a criação do lugar a memória pode resistir por um tempo, porém não para sempre, por que mesmo com o lugar, que deveria “guardar a memória” ela acaba se esvaindo.

A percepção da história através da memória é sempre atrelada a pedaços da memória do que um dia foi, essa percepção muda de acordo com o tempo, Nora postula que em seu tempo ocorria uma busca acelerada pela preservação da memória, o que segundo ele tornava os locais de memória residuais, como disse

anteriormente, guardiões de uma memória que não existe mais. Nesse sentido Nora (1984) postula que só existem locais de memória por que não há mais meios de memória.

Nesse ponto, Nora nos revela um segundo termo, o que ela chama de meios de memória. Certo que ele acaba por não discorrer sobre o tema, sobre quais seriam esses meios de memória, e como eles atuam na construção do que chamamos de memória. O que percebemos e destacamos aqui sobre tal afirmação de Nora, é sua clara intenção de desvincular história e memória, estabelecendo que a memória tem seus próprios meios de que perpetuar, e nesse sentido, história e memória são opostas. Nora (1984) afirma que memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. Sempre viva, atuante, pulsante e, ao mesmo tempo, vulnerável, pois é inconstante, sujeita a mudanças, que ocorrem onde a memória reside, ou seja, quando não há um lugar onde essa memória seja material, ele reside nos sujeitos e faz deles seus meios de se manter viva. É nesse sentido que Nora postula os meios pelos quais a memória pode se manter viva.

Nora (1984) ainda define história como a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. Ou seja, resíduos do que um dia já foi memória, que hoje é estática, e se constitui como história.

Voltando a questão dos meios de memória, estabelecemos aqui os sujeitos como meios de memória, o que nos remete a uma questão, quem são esses sujeitos onde a memória reside? Suas memórias são de fato relevantes? Alguém se interessa por suas memórias? Ao recorremos à história da própria história, é fácil verificar que a história acaba sempre por selecionar os principais, os ditos mais importantes, e por vezes acaba silenciando as histórias dos que perdem, dos ditos menos importantes.

Ao pensar nessas questões, é inevitável falar os sujeitos invisibilizados, sujeitos vindos de baixo, que tiveram por muito tempo suas memórias tidas como não importantes, acredito até que em algum ponto, essas memórias foram se quer consideradas. E dentro da discussão aqui proposta, imagino que nesse ato de silenciar, obrigou esses sujeitos a abrigarem suas memórias da melhor forma possível, já que a esperança de ter suas vozes ouvidas era quase nula.

O ato de invisibilizar, de negar voz aos sujeitos vindos debaixo, é comum não somente aos sujeitos históricos, mas talvez nesses sujeitos essa falta de valorização seja ainda mais notória, para esses sujeitos a memória parece ser o único recurso que conservar a própria história. Ainda no aspecto da valorização, a história enquanto ciência tem buscado mostrar e de lugar e voz a essas pessoas vindas debaixo.

Ainda recorrendo à definição de Nora sobre memória, ele usa o termo “memória viva”, entendendo esse termo me remete a pessoas, não a lugares, e pessoas, sujeitos, independente dos aspectos que nos tornam diferentes, tem suas memórias vivas, memórias como parte de quem são, do que são e de como esse sujeito se percebe no espaço onde vive. Quando penso nos sujeitos alvos dessa pesquisa, consigo perceber pessoas riquíssimas em memória, que tem em seus lugares, mesmo que esses não sejam cristalizados por um monumento, ou até que suas memórias sejam negadas pela história, é fácil perceber que o concerto de suas memórias permanece vivo e se modificando na busca de viver e produzir mais memórias, independe de fatores externos, esses sujeitos só buscam serem ouvidos, terem suas memórias valorizadas, vistas, admiradas.

Se alargamos mais nossos olhares sobre o tema, nos depararemos com um conceito invisibilidade social, que segundo Celeguim et al é:

A Invisibilidade Social é um assunto relativamente novo e se relaciona à forma como são vistos os trabalhadores de profissões desprovidas de status, glamour, reconhecimento social e adequada remuneração. Isto numa sociedade onde o nível de consumo de bens materiais é o agente determinador do posicionamento de cada participante nas classes socioeconômicas conhecidas. (CELEGUIM et al, 2009, p. 1)

Ao analisarmos a fala de Celeguim et al, percebemos que a invisibilidade social é promovida por muitos fatores, dentre eles o fator econômico, profissional, e até poder aquisitivo do sujeito, que passa a ter sua voz ouvida ou não baseado tão somente em fatores sociais. É válido ressaltar que não estamos falando de algo novo, talvez a discussão sobre o assunto seja nova, mas o caráter da invisibilidade é antigo, talvez no contexto histórico essa prática seja mais visível, mas ela ocorre em outros setores do conhecimento.

Se o contexto social é discriminatória e promove invisibilidade, a história não pode seguir por esse caminho. Em tempos onde os antigos marcos históricos que são discriminatórios, símbolos de um tempo completamente desprendido de igualdade, cabe a nova história rescrever esses marcos com os sujeitos vindos debaixo, sujeitos discriminados, sujeitos invisibilizados, sujeitos que dantes faziam da memória seu

único refúgio para que sua história continuasse viva, esses sujeitos sejam trazidos da obscuridade que foi por eles vivida por muito tempo e sejam expostos à luz da memória, a luz do conhecimento, a luz da igualdade.

2.4 LUGARES DE MEMÓRIA NA EDUCAÇÃO

Lugar pode ser definido de maneira percussiva como a parte delimitada de um determinado espaço, e assim a noção de lugar é definida pelo modo de marcação desse espaço, produzindo assim o que conhecemos como lugar. Nesse sentido faz-se necessária recorrer novamente a Pierre Nora e sua discussão em torno dos lugares de memória, estabelecendo assim uma ponte entre memória e lugares de memória, até chegarmos nos conceitos de lugares de memória na educação.

Pierre Nora em seus escritos postula uma memória livre, desprendida dos lugares, esses chamados por ele de lugares de memória. Nora (1984, p. 12) define lugares de memória como sendo antes de tudo restos, restos das memórias que um dia foram vividas naquele lugar, e que hoje residem em outros lugares que não a memória propriamente dita.

Devemos pensar que a busca por cristalizar essas memórias são inerentes ao homem, a construção de monumentos, o juntar dos documentos, os obeliscos, os museus, são ajuntamentos humanos de sua própria história. Sobre isso Foucault apontava que:

a história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispensará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia – sob a forma da consciência histórica –, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar o seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada. (FOUCAULT, 1969, p. 16)

O pensamento Foucaultiano nos revela uma necessidade em encontrar morada para as suas memórias, de conserva-las de alguma forma. A própria sociedade cria para si esses lugares, buscando vencer o tempo ficando monumentos, criando espaços, criando seus lugares de memória. Foucault nos revela ainda que o ato de conservar essas memórias representa uma oportunidade de restauração da memória vivida, uma porta para o passado dantes vivido.

É nítido que Pierre Nora não concebe os lugares de memória com essa doce visão, para ele esses lugares se quer têm memória, logo, seriam apenas espaço onde

a necessidade humana se sobrepunha a memória. Nora admitia essa necessidade humana por criar lugares, porém não a vê com bons olhos.

Falando ainda em lugares de memória, voltaremos a percepção de Nora sobre lugares de memória, e caminharemos para esses lugares no âmbito educacional. Nora postula:

Os lugares de memória são primeiramente, lugares em um triplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode se apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica. (NORA, 1993, p. 21-22).

Nora nos informa de um triplice acepção dos lugares de memória, acredito que verificar cada uma delas é importante dentro de nossa discussão, vamos a elas então. Primeiro Nora fala de lugares matérias, uma concepção até simples de se compreender, inclusive já postulamos aqui esse conceito. A necessidade humana de ancorar suas memórias em objetos físicos, em lugares. O ser palpável, é inerente a vida humana, o obter memórias através dos sentidos.

Segundo esses lugares são funcionais, pois para além de abrigarem as memórias, tais lugares tem a função de torna-las memórias coletivas através de seus monumentos, documentos, esculturas e demais materiais históricos. Essa me parece ser a principal função dos lugares de memória, conseguir transmitir a memória para os sujeitos que não fizeram parte daquele momento histórico, plantando assim a memória em sua mente. Outrossim, além de encucar essas memórias, é função dos lugares de memória coletivizar essas histórias, afim de elas se expressem através dos símbolos e dos sujeitos.

Por fim, Nora revela o último aspecto dos lugares de memória, são lugares frutos de construção histórica. Nesse sentido percebemos que existe um interesse na construção desses lugares, que está intimamente ligado com os dois primeiros aspectos, a necessidade do homem de perpetuar suas memórias e a possibilidade que os lugares de memória assumem de transmitir essas memórias, essa funcionalidade justifica sua criação, dando a esses lugares o que Nora chama de função icônica.

Como dito antes, trazendo a perspectiva de lugares de memória na educação, percebemos que tais lugares são mais comuns de serem vistos que imaginamos. O contexto escolar é carregado cotidianamente de histórias, geradas pelos seus inúmeros atores e sujeitos inseridos nesse contexto, proporcionando assim uma grande quantidade de memórias geradas. Criando nesse sentido uma memória coletiva em torno da escola.

A escola como a entendemos, em uma visão clássica tem uma função muito clara, educar. Essa função justifica, por assim dizer sua existência, no entanto, quando pensamos a escola pelo viés histórico, nos deparamos com uma questão, o papel da escola quando pensamos no ensino de história é somente repassar a história já vivida? Tal indagação se justifica se pensarmos que a escola enquanto lugar de memória pode transpor tal barreira se assim se permitir. A escola pode produzir história e ensinar essa história? Os lugares de memória na educação se limitam apenas aos muros da escola? Entendemos que não. E se quisermos ir mais além nesse pensamento, podemos impetrar que a escola enquanto lugar de memória e produtora dessas memórias é capaz de não somente transpor os muros da escola, como também os derrubar, sendo assim a escola toda a extensão do lugar onde ela reside.

Se entendermos que a função da escola é educar, os lugares de memória da educação propõem um novo caminho para que essa educação ocorra, o caminho da educação não-formal. De fato, é um caminho que pode ser explorado de forma mais ampla, afim de promover outros meios de ensino-aprendizagem, nos quais seja capaz de incluir sujeitos antes invisibilizados pela escola.

A luz do exposto, faz-se necessário conceituar o que é educação não formal. Segundo Trilla (2008, p. 42) educação não-formal, é o conjunto de processos, meios e instituições diferenciadamente concebidos em função de objetivos explícitos de formação ou instrução não diretamente voltados à outorga dos graus próprios do sistema educacional regido. Nesse sentido verificamos que esses processos são também culturais e históricos, como já discutimos anteriormente.

Recorrendo novamente ao pensamento de Le Goff (2003, p. 423) a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, seja ela individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais das pessoas e da própria sociedade. Assim o uso da memória como ferramenta de identificação social abre margem para um universo de possibilidades educacionais, que a escola assumindo

seu lugar de memória pode utilizar como método para ampliação de suas fronteiras enquanto instituição de conhecimento.

Acreditamos que o presente estudo, que postula a banda de percussão da escola Pedro Teixeira como lugar de memória possa tão brevemente contribuir para que essa visão seja alargada, e que mais possibilidades surjam a partir de então.

3 A BANDA DA ESCOLA PEDRO TEIXEIRA: UM LUGAR DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE ABAETETUBA

Pensar a banda de percussão da Escola Pedro Teixeira como lugar de memória da educação em Abaetetuba, é uma ação complexa e que pode inclusive suscitar vários debates, o que desde já entendemos com bastante relevante. O método da história oral nos revelará através de três entrevistas, que as memórias que afirmam nossa posição estão vivas e claras, e postulam não somente nossa tese quanto a banda, como também revelam as memórias de pessoas que fizeram da banda de percussão da escola o seu lugar de memória.

Para isso utilizaremos as memórias de três pessoas, que em tempos diferentes e de maneiras diferentes, compartilharam o espaço da banda de percussão da escola Pedro Teixeira, e assim construíram nesse espaço suas memórias. O primeiro entrevistado é o senhor Manoel Benedito Ferreira (Seu Bena), de 72 anos, fundador da banda de percussão. A segunda é a senhora Maria Raimunda Sousa, de 58 anos, mãe de três filhos que participaram da banda. O terceiro é Wilson Gomes Lima, de 27 anos, que foi componente da banda por alguns anos.

A banda de percussão tem sua origem em meados de 1973, segundo o seu Benedito, que para fim de informação será citado no texto como seu Bena, como o mesmo é carinhosamente chamado por todos. Ele nos revela que em julho de 1973, com o falecimento de seu irmão mais velho, que era professor de educação física da escola Pedro Teixeira, ele é convidado pela diretora na época, para assumir o lugar do seu irmão na escola. Nesse período seu Bena morava na cidade de Belém, onde cursava música. Com o acontecido com o seu irmão, seu Bena regressa para a cidade de Abaetetuba, assumindo também a banda de percussão da escola. Ainda segundo ele, nesse período “A diretora Carmem me entregou 13 instrumentos, e disse simplesmente, olha Benedito, tu foste convidado para assumir a vaga do teu irmão, e fica dirigindo a banda, aqui nós temos 13 instrumentos que nós recebemos, e tu vai assumir a partir de hoje, eu disse que tudo bem.” Assim se dá o início da banda de percussão da escola Pedro Teixeira. Ainda nesse ano, 1973, a banda participa do 7 de setembro pela primeira vez, iniciando assim uma longa tradição de quase 50 anos participando dos desfiles da independência.

Em um período curto de tempo a banda cresce e ganha mais componentes, mais instrumentos, e assume um papel que é possível categorizar como para além da

música. É importante ressaltar que com o seu crescimento e organização mais refinada, a banda passa a ocupar outros lugares dentro da escola, como nos conta seu Bena, “a banda era um órgão que ajudava a escola, tipo uma mais educação, que viesse ajudar os meninos, na conservação, na proteção daqueles meninos que eram mais exaltados dentro da escola”. É revelado que com o decorrer do tempo a banda assume um papel disciplinador, que era utilizado sempre que necessário, tanto que o seu Bena a compara com o programa mais educação do governo federal, que buscava em outras frentes promover educação para além da sala de aula. Esse papel é revelado também por nossos outros entrevistados, dona Maria Raimunda nos diz que “vejo a importância em uma coisa, o meu caçula era muito preguiçoso, ele não suportava estudar. Quando entrou na banda, ele foi obrigado a estudar, porque se tirasse nota vermelha, não podia tocar com eles, era a regra do Bena”. Assim como o ex-integrante da banda reforça essa ideia “ele ia ficar olhando essa questão das notas, era um critério para as pessoas participarem da banda, ele incentivava na questão cultural, da banda, e tinha o incentivo para que os alunos se esforçassem na escola.” Tais relatos nos mostram que com o passar do tempo, a banda assumiu um papel de mediação, papel esse que se mostra importantíssimo para a ligação banda-escola, tais interações promoveram tanto para a escola como para banda, a possibilidade de fortalecer a convergência no ambiente escolar.

Tal convergência promoveu ações conjuntas de recuperação de estudantes através da banda de percussão, como citado acima, e mais, seu Bena nos diz que “talvez pra eles, português e matemática não fosse tão legal, mas a banda era, e eu cuidava mesmo deles.” É correto pensar que os meios tradicionais de educação para alguns não são de maneira alguma atrativos, para eles a escola tradicional não promove uma diversidade que atrai. A banda por outro lado como extensão da escola, conseguia por diversas vezes ser mais atrativa para os alunos, que enxergavam na banda outras possibilidades de interação. Tais interações eram direcionadas a banda, que, por conseguinte eram direcionadas a escola, promovendo assim, cuidado, atenção e educação, fruto dessa ligação bem efetuada, escola-banda. Ainda nesse sentido, o ex-integrante da banda releva todo esse cuidado que existia com os alunos integrantes da banda, “A banda era uma extensão cultural da escola, era uma parte da escola, por que a gente levava o nome da escola, e também tinha aquela questão de recuperar os alunos, a gente até brincava dizendo que quando o professor não conseguia mais ajeitar um aluno, eles mandavam pra banda, e a banda dava um jeito,

claro que era uma brincadeira nossa, mas tinha um fundo de verdade, eu vi muito moleque que não queria nada com a vida ir pra banda e voltar de lá diferente, o Bena conseguia falar com eles, conseguia convencer eles a estudarem, eu acho que a banda era tipo o departamento de recuperação da escola.” É nítido que o papel da banda se estendia para além da questão musical e cultural, ela assume um papel educacional, social, que era inerente a ela.

A união banda-escola, promoveu mais que interações escolares, ela transpôs a barreira dos muros da escola e chegou à comunidade que cercava a escola. Transpor os muros da escola só é possível mediante a relação de confiança estabelecida entre escola, banda e comunidade. Acredito que essa relação ganha ainda mais força por intermédio da direção da banda, nesse caso, o seu Bena. É nítida a admiração que a comunidade nutre por esse personagem, como suas vivências a frente da banda de percussão, cativaram pais, alunos e professoras. Dona Maria Raimunda relata que “eu só deixava eles irem sozinhos, quando o Bena me pedia, ele vinha em casa me pedir, e quando eu não podia ir, tu sabe, o pai deles era brabo, ainda mais com isso de viajar, mas a gente confiava no Bena e deixava.” Nesse sentido que admiração e confiança, o ex-integrante, Wilson diz que “primeiro que esse contato com o Bena, eu ouvia falar muito dele, ele era uma figura muito conhecida dentro da escola Pedro Teixeira e até mesmo dentro do município, as pessoas em si,[...] mas a questão da amizade e esse contato com o Bena, uma pessoa muito legal.” Os relatos aqui destacados mostram que transpor as barreiras da escola e chegar até a comunidade foi um processo natural de expansão da banda de percussão, que primeiro permeia o ambiente da escola como uma extensão da mesma, e depois segue um caminho para além da escola, sem obviamente perder o seu contato com a função escolar que era particular da banda, mas para além disso, como disse anteriormente, ao ingressar na comunidade através do personagem “Seu Bena”, ela atinge talvez o seu principal ponto de apoio, percebe, a princípio a banda era necessária a escola, e a escola necessária a banda e por conseguinte necessária aos alunos, principalmente aquele que eram mais trabalhosos por assim dizer, então a banda assume esse papel de integração entre esse aluno e a escola, o que visto por essa perspectiva já seria excelente, no entanto, ao partir para a comunidade, a banda e consequentemente a escola, ganha o que seria por muitos anos o seu meio de sobreviver e se expandir ainda mais, a comunidade abraça por assim dizer a

banda, transformando ela parte de sua cultura, parte da comunidade, e assim se estabeleceu para além da escola.

Conforme sua ligação com a comunidade se estreitava, a banda enquanto parte da escola Pedro Teixeira, promovia também uma ligação entre comunidade e escola, e claro que tais ligações se davam tanto no chão da escola, como fora da escola. Um exemplo claro disso pode ser verificado na fala da dona Maria Raimunda “ele passou três anos lá e quando saiu, passou no vestibular, eu não esqueço disso porque se não fosse por causa da banda, ele nem teria terminado o ensino médio, muito menos passado no vestibular. Então pra mim, pra minha família, a banda era muito importante, me ajudou a criar os meus filhos”. A expressão “criar” aqui, denota o grau de importância que a banda assumiu tanto no contexto familiar, quanto no contexto escolar. A fala da dona Maria Raimunda traz a banda para o contexto familiar, ela postula que sem a ajuda da banda, seu filho não engraçaria no ensino superior, revendo assim que a banda era de fato uma extensão da função escolar, trazendo assim a comunidade para dentro da escola.

É de fato muito interessante perceber que nessa relação escola-banda-comunidade, havia uma troca mútua de interesses e favores, me permitindo ser romântico em constatar tão relação, havia um triângulo amoroso entre eles, onde cada elemento ajudado pelo outro, cumpria seu papel. Por exemplo, menos a banda sendo parte da escola, a mesma dependia de recursos próprios para se manter, como o seu Bena nos esclarece “O maior apoio era dos alunos, dos meninos da banda, que se reuniam e viam que não estava legal determinada coisa, e corríamos atrás de gente pra nos ajudar, fazíamos movimentos, fazíamos quermesses”. Esses movimentos promovidos pela banda, contavam sempre com o apoio da comunidade, funcionava como uma via de mão dupla, um ajudava o outro. O relato da dona Maria Raimundo corrobora esse argumento, ela diz que “eu já vendi muito chopp pra ajudar a banda”, mostrando que mesmo de maneira simples, a comunidade buscava ajudar a banda, por entender sua importância enquanto parte da escola, como símbolo cultural da escola.

Enquanto símbolo cultural da escola e seu desenvolvimento musical, a banda ganhou notoriedade dentro do bairro onde a escola estava inserida, o seu Bena nos releva que “eles adoravam ver esta banda em movimento”, o emprego da expressão “movimento” aqui é literal, o que torna a frase ainda mais celebre e bonita. O movimento da banda era uma formação feita para a marcha do 7 de setembro, não

bastava tocar, a formação era extremamente importante para a banda, nesse sentido, a banda se agrupava na frente da escola e assumindo uma posição se colocavam em movimento pelas ruas do bairro do Algodão, tal movimentação atraía as pessoas para fora de suas casas, para observar a banda em movimento.

Estabelecida a ligação entre escola, banda e comunidade, e esclarecido o caráter de cooperação que existia entre elas, e logicamente, revelado que a banda ultrapassou os limites dos muros da escola, postulamos a partir desse momento, um novo cenário relatado através da presente pesquisa. Ao transpor os limites da escola e se estabelecer como símbolo cultural do bairro do Algodão, em Abaetetuba, a banda passa a ir além disso, passa a estabelecer um contato com a cidade de Abaetetuba. Nesse sentido verificamos na entrevista do seu Bena a seguinte questão “então a banda pra mim, se tornou um ponto turístico da cidade”, tal ideia também é verbalizada pela dona Maria Raimunda que diz “a banda não era só da escola, eles iam tocar nesses eventos militares que tinha por aí, eles viajavam pra representar a cidade em concursos, e olha, eles ganhavam tudo (risos), então eu acho que o povo via que a banda era de Abaeté, e isso era bom pra cidade”. Transpor os limites do bairro onde a escola estava foi de fato uma questão de tempo, a banda não deixou de ser do bairro do Algodão, ela era, no entanto, enquanto a banda se tornava conhecida e ganhava concursos locais, passou a ir para além dos limites do bairro e da escola, se tornando assim representante da cidade de Abaetetuba, as falas supracitadas revelam isso, mostram que a grandeza da banda de percussão passou a ser observada para além dos domínios escolares, a banda se tornou parte da cultura da cidade de Abaetetuba. A banda não era mais somente da escola, ela era da cidade de Abaetetuba e era vista e tratada como tal, como nos revela o relato de seu ex-integrante “no ano em que a gente foi pro Moju, eles apresentaram a gente como banda marcial da cidade de Abaetetuba.” A banda era agora de Abaetetuba. Uma representante legal de sua cultura de bandas de percussão dentro do município.

Ao se tornar representante do município em competições estaduais, a banda ganhou mais notoriedade e assim passou a se apresentar quase que o ano todo, tanto em competições municipais, quanto em competições estaduais, como nos relata seu Bena “dentro da escola ela era permanente, tinha sim um período crucial, que era visando o sete de setembro, era da independência, mas qualquer evento dentro da escola, nós estávamos lá, não ensaiávamos todo dia, mas estávamos sempre preparados para qualquer evento que aparecesse”. Com essa atuação quase que

continua, a banda cresceu e ficou conhecida como a maior banda escolar de Abaetetuba.

A banda de percussão da Escola Pedro Teixeira, em face a ideia de modernidade ainda se manteve por um longo período de tempo em atividade, enquanto outras bandas encerravam suas atividades. No entanto em meados de 2014, a escola sofreu com cortes de verbas e questões administrativas, que invariavelmente afetaram de maneira direta a banda de percussão e em alguns momentos impossibilitando sua continuidade devido à falta de recursos para tal. Mesmo com a ajuda da comunidade, como nos relata seu ex-integrante “ela foi meio que esquecida pelo poder público, e com isso a banda se desfez e por um certo período não aconteceu justamente por causa de verba, a comunidade em si ainda tentou ajudar, mas as despesas eram muitas, não dava só para as pessoas bancarem, então hoje ela perdeu um pouco daquele poder, pelo fato dela não poder mais competir, mas nos tempos áureos, no tempo que ela tinha força, ela era visada e muito respeitada, era uma banda modelo, pra muitas escolas”. É novamente importante salientar aqui que a ligação entre escola e banda era tão forte, que com a falta de recursos para a escola, afetou diretamente a banda, impossibilitando que a ela continuasse a existir.

A margem disso, passamos a estabelecer aqui que mesmo hoje, sem que a banda ainda esteja funcionando de maneira estrutural, a mesma ainda existe e se estabelece como lugar de memória da educação em Abaetetuba. Para entender melhor como se dá tal processo, recorreremos novamente a fala de nossos entrevistados, que verbalizam ainda que não tenha domínio dos conceitos de lugar de memória, revelam através de suas vivências, que esse lugar, a banda de percussão se tornou um legítimo lugar de memória.

As pessoas que passaram por esse lugar a banda de percussão, fizeram desse lugar o seu lugar, esse ato de tornar seu e ali construir suas vivências, revela o caráter identitário que cada pessoa construiu com esse lugar, nas palavras de dona Maria Raimunda “olha ali na parede, as fotos lá, todos do tempo que eles tocavam nessa banda”, nos releva identidade com o lugar, releva que mesmo sem que ele não tenha sido cristalizada por um monumento, esse lugar existe por que ainda está vivo na memória das pessoas que por ali estiveram, e assim sendo, a banda de percussão é o seu lugar de memória, seu lugar de saudade, como nos diz seu Bena “a gente olha e tem certeza que a banda ajudou a engrandecer o nome da escola, isso pra mim é

uma alívio, mas eu sinto saudades”, saudade essa que não obscurece a certeza de que o trabalho ali realizado ajudou muitas pessoas, que ali as realizações que hoje só existem na memória, foram tão importantes quanto necessárias.

É um argumento comum das pessoas que entrevistamos o sentimento de orgulho por ter participado da banda, o sentimento de pertencimento é nítido e percebido nas falas de suas entrevistas, Wilson nos diz que “algumas pessoas viam está na banda como uma honra”, tal sentimento era comum, não somente pelo status que era produzido naturalmente pela banda, mas pela importância que ela tinha, e por sua capacidade de produzir momentos únicos, e por conseguinte memórias únicas, como a de seu ex-integrante, na primeira vez que saiu de Abaetetuba para tocar com a banda, sobre esse momento ele esclarece “Eu já tinha tocado no sete de setembro, a gente tinha ganhado, mas lá, foi muito bom, tinha muita gente, eu senti aquele arrepio na espinha, aquela coisa toda, tipo, meio que coisa de filme, uma sensação muito marcante pra mim”. Sensação, uma mistura de sentimentos indizíveis, alguns segundos onde a memória se forma, onde ela se estabelece e não sai tão facilmente. Acredito que tal argumentação sobre esses momentos se faz necessária para relevar a profundidade e a importância de tais memórias, como também mostrar que para esses sujeitos, a banda de percussão era mais do que o ato de tocar instrumentos, ela é viva, parte de quem são, parte de suas famílias, parte da sua história, a banda é o seu lugar de memória.

Quando perguntamos se eles acreditavam que a importância da banda se estendia para a cidade, seu ex-integrante nos diz que “eu acredito que ela se ampliava para a cidade”, essa ampliação se dava através das apresentações e representações que a banda fazia em nome da cidade, algo que inclusive já foi destacado no presente texto. Tal afirmação nos remete a outra fala, dessa vez de seu Bena, ao responder a mesma pergunta, ele diz “foi pra cidade também, no caso, não só pros alunos, mas também pra uma parte turística, todo mundo adorava a banda, as pessoas vinham até de outra cidade ver a banda tocar”, desse modo, é ainda mais perceptível que a banda se estendia para a cidade de Abaetetuba e para os seus moradores, de modo que a banda é vista, categorizada como parte da cultural local, nesse sentido seu ex-integrante nos diz que “e a banda é uma herança cultural da cidade, algumas cidades não tem isso, Abaetetuba tem, mais infelizmente ela não sabe valorizar isso, eu sei que não é só aqui, sei que as bandas de fanfarra estão acabando em outros lugares, e as poucas que existem não são mais valorizadas, então eu sei que a voz de uma

não é o suficiente pra mudar esse cenário, mas eu acredito que se eu tivesse o poder de mudar alguma coisa, eu faria de tudo pra continuar com essa herança cultural dentro da cidade, eu vejo que essa tradição está se perdendo dentro do município”. Tal pensamento deixa clara a ideia de que a banda era de fato da cidade de Abaetetuba.

Além de caracterizar a banda de percussão da escola Pedro Teixeira, como um lugar de memória da educação em Abaetetuba, nossas entrevistas acabam por revelar também um desejo de continuidade, orgulho e admiração pelo o que já foi vivido, mas também o desejo de que essa cultura escolar não acabasse. Desejo esse que é relevado através da fala de seu Bena, fundador da banda, “o meu sentimento é de esperança, que volte, eu acho que é muito difícil, a gente fica triste, eu só não fico abatido por que se não vou acabar morrendo ai, de repente (risos), mas eu sinto muita falta, dos momentos que passamos lá, momentos de tristeza, momentos de felicidade, a gente olha e tem certeza que a banda ajudou a engrandecer o nome da escola, isso pra mim é uma alivio, mas eu sinto saudades”. É de fato impressionante observa os desdobramentos que o lugar pode produzir, que mesmo a margem de muita dificuldade, o desejo que prosseguir se mantém intacto, vivo, pulsante, mesmo que tudo que reste seja a memória do que já foi. E nesse sentido, para além da memória, me parece que esse lugar de memória em especial é capaz de produzir esperança, como nos revela seu ex-integrante, Wilson, diz que “Hoje, apesar disso, a minha visão é de orgulho, era uma banda excelente, pessoas incríveis, uma pena ela não ter permanecido, eu mesmo pensei que um dia meu filho tocaria na banda que eu toquei, mas hoje, infelizmente a banda não existe mais”.

A banda enquanto grupo musical não se apresenta a aproximadamente 5 anos, seus instrumentos foram emprestados para outras escolas, alguns foram dados para seu Bena, que desenvolve um projeto social com as crianças no município de Abaetetuba, mesmo aposentado, ele continua a fazer da música sua vida. A escola Pedro Teixeira não funciona mais no seu prédio original, ela desenvolve seus trabalhos em um anexo nas ilhas de Abaetetuba. Hoje espera uma posição política para decidir uma possível demolição. Tais relatos são necessários para revelar que tanto banda de percussão, quanto escola, praticamente não existem mais, e assim sendo, mesmo que o prédio da escola ainda esteja de pé, tudo que restou foram as memórias das pessoas que por ali passaram, milhares de fragmentos contidos em pessoas que hoje não residem mais na cidade de Abaetetuba, pessoas que como eu

nunca tocaram na banda de percussão, mais que de alguma forma fizeram desse lugar, o seu lugar, da escola para além do ato de educar, para a banda além de produzir música, para a comunidade ir além de somente observar, todos fizeram um pouco mais, e assim fizeram desse lugar o lugar de todos, o lugar da escola, da banda, da comunidade, do bairro, dos alunos, meu, do seu Bena, da dona Maria Raimundo, do seu Wilson, de Abaetetuba.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso que tal palavra me assusta, o que seria concluir algo? Terminar? Encerrar? chegar a uma constatação? Se assim for, é possível constatar através da presente pesquisa que a banda de percussão da escola Pedro Teixeira é de fato um lugar de memória dentro do município de Abaetetuba. A presente pesquisa surge de inquietações muito particulares desde pesquisador em processo de aprendizagem. Tal pesquisa não nasce para concluir algo, ela nasce principalmente para agradecer, e depois para retribuir, dá a esse lugar, a banda de percussão da Escola Pedro Teixeira o seu lugar dentro da cultura escolar abaetetubense, lugar esse que por diversas vezes foi negado, negado pelo poder público, negado pela falta de olhar, e por que não dizer, negado pela própria história.

Durante o processo de construção desta pesquisa, o termo “sujeitos invisibilizados” me apresentava cada vez mais forte, em falas e memórias que ao serem ditas, expressavam a felicidade de ter simplesmente vivido aquele momento, o sorriso largo, a satisfação, as memórias, lá, vidas, exatamente do jeito que Pierre Nora (1993, p. 04) a descreve “uma memória viva”, não somente nas pessoas que entrevistei, mas em todos que informalmente pude eu conversar, estava tudo lá, só esperando alguém que as escutasse. Então me ocorre aqui que sujeitos invisibilizados, são assim chamados não por conta deles mesmo, eles não se identificam assim, alguém os invisibilizou, alguém se negou a escuta-los, alguém. No entanto, quando a ciência, a pesquisa, quando eu enquanto pesquisador me proponho a escutar e enxergar essas memórias, os sujeitos invisibilizados não existem mais, o que passa a existir é memória, ciência, cultura, educação.

De modo algum me coloco como diferente dos outros, talvez meu interesse por esse lugar seja basicamente por que esse também é o meu lugar. Penso então na infinidade de lugares de memória que existem e nunca terão a chance de serem vistos, ouvidos, revisitados. Acredito que retirar esses lugares da obscuridade seja o novo compromisso da história com a humanidade, conseguir, possibilitar que essas pessoas que por séculos tiveram seu direito a palavra negado, sejam enfim ouvidas, suas memórias valorizadas.

Então de fato essa não é uma conclusão, poderia eu ilustrar como uma porta que leva para outras centenas de portas, eu fecho uma para que outras mil se abram, não só para esse projeto, mas para todos os outros que viram depois dele. Ainda pensando nos sujeitos, é curioso pensar que os lugares de memória existem mesmo

sem que eles possam ser verificados, eles estão lá, como disse antes, fragmentados em inúmeras memórias, em fotos, em lembranças, em marcar, mesmo que não exista um único monumento ou documento que cristalice esse lugar de memória, ele não deixa de existir, ele vive muitas vezes a margem da história tradicional.

Ao tentar ou não concluir, percebo que a história da banda de percussão, a história da escola Pedro Teixeira, a banda como lugar de memória dentro da educação no município de Abaetetuba, sai das sombras, emerge novamente, reivindica seu lugar, faz mais uma vez o que se tornou sua marca nesses quase 50 anos de existência, ela resiste, ela vive, ainda que o som de seus instrumentos tenha se silenciado, sua memória e tradição jamais serão.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BARROS, José D'Assunção. **A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento**. In: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/953/588> acessado em: 25 de jun 2022.
- BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- CELEGUIM, Cristiane R. J. et al. A invisibilidade social no âmbito do trabalho. Revista CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRS, 2002.
- Científica da Faculdade das Américas. São Paulo. v. 3 n.1, p. 1, 2009
- DAMASCENO, Alberto. **Origens da educação estatal na América Portuguesa**. São Paulo, 1998.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História da Educação e História Cultural**. In: VEIGA, Cynthia Greive & FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Baeta Neves. 5a edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 15. 1969.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- JULIA, Dominique. La culture scolaire comme objet historique. In: NÓVOA, Depaepe; Johanningmeier (Eds.). **The Colonial Experience in Education**. Historical Issues and Perspectives. Pedagogica Historica, supplementary séries. v.1, 1995
- LE GOFF, Jacques et al. **História e memória**. 1924.
- LOBATO, Lidia Sarges et al. A tradição do brinquedo de miriti no currículo das escolas do município de Abaetetuba: iniciando o debate. **Revista Margens Interdisciplinar**, 2015.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1996.
- Nora, Pierre. "Entre história e memória: a problemática dos lugares." *Revista Projeto História* 10 (1993): 7-28.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA Maciel Henrique. Fonte Histórica. IN. **Dicionário de conceitos históricos** / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009, p. 158-161.
- SOUSA, Iris Amaral de. **O que fazer do poder público municipal na Amazônia: os caminhos da política educacional em Abaetetuba-PA**. 2009.
- Teto de escola estadual de Abaetetuba desaba**. Dol, 2015. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/noticia-324565-teto-de-escola-estadual-de-abaetetuba-desaba.html?d=1>. Acesso em: 24/02/2022.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992
- TRILLA, Jaume & GANEM, Elie. ARANTES, Valéria Amorim. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SALLES, Vicente. **A música e o tempo no Grão-Pará**. Belém: Coleção Cultura Paraense, Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1980.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889**. 2006.

FONTES ORAIS

- Entrevista realizada com o senhor, Manoel Benedito Ferreira em 2022.
- Entrevista realizada com o senhor, Maria Raimunda Sousa em 2022.
- Entrevista realizada com o senhor, Wilson Gomes Lima em 2022.

ANEXOS









SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107
ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa com o tema: **LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE ABAETETUBA: a banda marcial da escola estadual Pedro Teixeira**, investindo na investigação de como experiências de componentes da banda de percussão da escola Pedro Teixeira, revelam a importância desse lugar, como lugar de memória da educação no município de Abaetetuba. A investigação é parte substancial do **Trabalho de Conclusão de Curso – TCC** em fase de finalização do acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFPA/Polo Abaetetuba – **João Eduardo Carneiro de Oliveira**, devidamente matriculado nesta Instituição de ensino.

Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professor **Sérgio Bandeira** a quem poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail sergbandeira@ufpa.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos de estudo e que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, 07 de julho de 2022.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da proponente/orientando

Assinatura do Orientador



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107
ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa com o tema: **LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE ABAETETUBA: a banda marcial da escola estadual Pedro Teixeira**, investindo na investigação de como experiências de componentes da banda de percussão da escola Pedro Teixeira, revelam a importância desse lugar, como lugar de memória da educação no município de Abaetetuba. A investigação é parte substancial do **Trabalho de Conclusão de Curso – TCC** em fase de finalização do acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFGA/Polo Abaetetuba – **João Eduardo Carneiro de Oliveira**, devidamente matriculado nesta Instituição de ensino.

Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professor **Sérgio Bandeira** a quem poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail sergbandeira@ufpa.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos de estudo e que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, 07 de julho de 2022.

MARIA RAIMUNDA SOUZA

Assinatura do(a) participante

João Eduardo Carneiro de Oliveira
Assinatura da proponente/orientando

João Eduardo Carneiro de Oliveira

Assinatura do Orientador



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107
ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa com o tema: **LUGARES DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE ABAETETUBA: a banda marcial da escola estadual Pedro Teixeira**, investindo na investigação de como experiências de componentes da banda de percussão da escola Pedro Teixeira, revelam a importância desse lugar, como lugar de memória da educação no município de Abaetetuba. A investigação é parte substancial do **Trabalho de Conclusão de Curso – TCC** em fase de finalização do acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFPA/Polo Abaetetuba – **João Eduardo Carneiro de Oliveira**, devidamente matriculado nesta Instituição de ensino.

Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela professor **Sérgio Bandeira** a quem poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail sergbandeira@ufpa.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

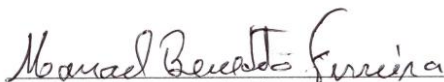
Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos de estudo e que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

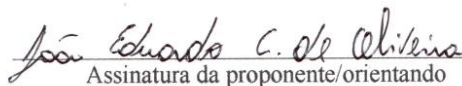
O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

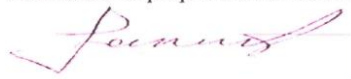
Fui informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, 07 de julho de 2022.


Assinatura do(a) participante


Assinatura da proponente/orientando


Assinatura do Orientador